

CAPÍTULO I

O desenho como meio de pesquisa

A fisionomia mental da criança através da linguagem e do desenho. A significação e a direção do pensamento infantil. Como surpreender a criança em toda a sua espontaneidade. O interesse atual pelo estudo do desenho como instrumento de orientação profissional e como meio de investigação da psiquê infantil. Opinião de Luquet — A vida mental estudada no seu momento inicial.

O dinamarquês W. Rasmussen não exagera quando afirma (1) que tanto se chega a conhecer a fisionomia mental da criança ouvindo atentamente as suas palavras como observando as suas ações. Na realidade, entre as várias formas do comportamento infantil é o desenho uma das mais ricas e elucidativas.

Linguagem e desenho constituem o mais seguro caminho para atingir-se à estrutura do pensamento infantil, à marcha do seu raciocínio, às formas de sua lógica. De certo que não podem ser dispensados os comentários da criança quando se pretende interpretar a sua mentalidade. Ouçamos com verdadeiro espírito de análise o monólogo a que Jean Piaget chama com certo pitoresco (2) “a dois” e “coletivo” de uma criança enquanto brinca ou enquanto rabisca e assim chegaremos a compreender a significação e a direção do seu pensamento. Neste caso é o desenho a representação objetiva de imagens que nos pareceriam obscuras e cheias de lacuna si fossem apreciadas apenas de maneira verbal.

(1) W. Rasmussen — *Psychologie de l'enfant*. Paris. 1924.

(2) J. Piaget — *Le langage et la pensée chez l'enfant*. Paris. 1923.

Para George Vermeyleen (1) o desenho é um momento da evolução mental da criança, uma como forma de transição do pensamento que completa e fixa a linguagem, ao mesmo tempo que anuncia a escrita. Isto que Vermeyleen tão sinteticamente enuncia para definir um dos aspectos da atividade da criança fôra pressentido já por Maria Montessori (2) quando no seu processo de ensino da linguagem colocou o desenho antes da escrita e esta antes da leitura, o que parece razoável dada a simplicidade motriz dos dois primeiros processos, enquanto que o último requer um grande e complexo trabalho de natureza intelectual. Desenhar, escrever — a escrita aliás não passa a princípio de um desenho — e ler: eis a marcha que a educadora italiana deu ao ensino da linguagem.

*

* *

Desejando-se tanto quanto possível surpreender a criança nas ocasiões em que mais espontaneamente manifesta a sua atividade mental, é justificável que os experimentadores lancem mão do desenho, porque a criança rabisca tão naturalmente quanto fala, a menos que já tenha recebido durante muito tempo a influência escolar. E tanto é o desenho, do mesmo modo que a linguagem, uma das expressões da atividade mental que as conclusões a que têm chegado os pesquisadores acerca de ambas apresentam analogias im-

(1) G. Vermeyleen — *La psychologie de l'enfant et de l'adolescent*. Bruxelles. 1926.

(2) Maria Montessori — *Pedagogie Scientifique*. Paris.

pressionantes. Certas características da psicologia infantil revelam-se admiravelmente nos vários momentos da evolução do desenho. Fica assim explicado por que o desenho infantil é aparentemente tão ilógico e confuso.

E' o que pretendemos realizar no presente estudo, como pequena contribuição para o esclarecimento da fisionomia mental de nossas crianças através dos vários momentos da evolução do desenho (1). Nenhuma conclusão, entretanto, adiantaremos sem que tenham sido apurados os índices de freqüência e para melhor clareza, traçadas as respectivas curvas. Em face dos resultados poderemos, então, avaliar como as lacunas e os absurdos do desenho da criança em suas diferentes etapas correspondem a certas particularidades da atividade mental.

*

* *

Considerado como um dos bons processos de investigação da psicologia infantil, infelizmente o desenho não teve até bem pouco tempo a atenção que merece, por ser uma das manifestações mais livres do pensamento e da lógica infantís. Mas a questão da orientação profissional, dando um certo impulso às pesquisas das aptidões naturais, tornou mais urgente a necessidade de apurar-se a capacidade para o desenho.

1) O estudo das características do desenho através das idades e sua correspondência com o desenvolvimento mental será objeto dos últimos capítulos.

Hoje, graças ao movimento cada vez mais intenso da psicologia das aptidões, alguns autores chegaram a conclusões de todo ponto apreciáveis como elucidação de muitos aspectos da obscura psicologia da criança. Citam-se trabalhos vários neste domínio.

Alguns destes estudos visam apenas a determinação da capacidade da criança para o desenho: é o aspecto que diretamente interessa a orientação profissional (1); outros, no entanto, dando ao desenho o relevo que deve ter como forma de linguagem gráfica, chegaram a conclusões de real valor e importância do ponto de vista da psicologia infantil, graças à relação existente entre o desenho da criança e o seu desenvolvimento mental (2).

Inegável é que o desenho infantil tem sido considerado modernamente um dos mais interessantes meios de estudo da mentalidade global. São de Luquet as seguintes expressões (3):

“O exame do desenho infantil nos tem permitido pôr em evidência as analogias profundas ou mais exatamente o parentesco essencial da psicologia da criança com a do adulto; mas subsistem, entretanto, diferenças graças às condições especiais da infância. A primeira, que nos limitaremos a as-

(1) Entre as escalas de medida podemos salientar as de Thorndike — *The measurement of achievement in Drawing* — Cyril Burt — *Mental and Scholastic Test* — Kline e Mc. Carrey — *A measurement scale for freehand drawing*.

(2) Florence Goodneugh publicou em 1926 interessante trabalho intitulado — *Measurement of intelligence by drawing*.

(3) G. H. Luquet — *Les Dessins d'un enfant*. Paris. 1913.

sinalar, porque é de ordem extrínseca, contingente e susceptível de variar consideravelmente segundo os individuos, é que a criança vive num meio artificial, arranjado pela sociedade e pela família. Mais importante é a segunda, intrínseca e essencial, porque resulta de que a infância é o início da vida: a criança não tendo ainda recebido, senão sob fórma de vestígios hereditários, as lições da experiência, faz por instinto o que o adulto faz pela reflexão.”

E' este um conceito universal — de que se acham impregnadas as mais modernas correntes psicológicas.

CAPÍTULO II

Os pesquisadores do desenho infantil

Deve-se aos psicólogos o movimento em torno do desenho infantil. Os velhos e os novos estudos. De Corrado Ricci aos psicanalistas. As manifestações artísticas entre os primitivos; as diferenças entre os sexos; a determinação da aptidão para o desenho; os caracteres raciais; a evolução da mentalidade infantil; o desenho elevado á categoria de método psicológico; o valor psicanalítico do desenho infantil.

O desenho infantil até certa época apenas mereceu a atenção dos mestres e isto um tanto vagamente, visto como só durante as aulas de desenho é que era permitido desenhar. Somente era tomado na devida conta o lado técnico do desenho; as manifestações de espontaneidade, exuberância e indisciplina, permanentes no comportamento da criança, jamais foram aproveitadas como base de iniciação da atividade gráfica.

Depois de elevado à categoria de uma verdadeira linguagem, de todo ponto expressiva das características mentais do individuo, passou o desenho a interessar. Sobretudo os psicólogos é que foram os iniciadores desse movimento de resultados apreciáveis no domínio do estudo da mentalidade infantil e no domínio propriamente educacional.

Poderemos acompanhar, em ordem cronológica, os trabalhos de interesse científico, realizados tendo como elementos experimentais e de observação, os desenhos infantis. Em estudo recente, publicado no "Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública", de Lisboa (1) — O ensino do desenho na escola primária

(1) *Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública*. Lisboa. Ano III. 1932.

— o prof. J. Pereira dá noticia do desenvolvimento dos trabalhos de maior importância sobre os desenhos da criança.

CORRADO RICCI — Os estudos mais antigos sobre o desenho infantil foram realizados em 1877 por Corrado Ricci. As conclusões a que chegou Ricci envolvendo igualmente as manifestações artísticas entre os primitivos, apoiam-se em desenhos colhidos nas escolas comunais de Bolonha e de Modene e esculturas em barro, feitas por crianças. Particularidades estudadas hoje por varios pesquisadores já haviam sido observadas por Ricci.

EARL BARNES — Depois de Ricci, segue-se Barnes, em 1893. Barnes, na California, conseguiu reunir 6.393 desenhos de crianças compreendidas entre 6 e 15 anos. Êsses desenhos eram reproduções gráficas de uma historieta — João Ventas-No-Ar — contada sob as mesmas condições. Barnes chegou a resultados valiosos sobre as diferenças existentes entre os sexos e sobre a tendência para a representação das figuras de face e de perfil.

PARTRIDGE, LEVINSTEIN E LAMPRECHT — Os trabalhos de Barnes foram reproduzidos por outros pesquisadores. Obedecendo à orientação do psicologo da California, Partridge e Levinstein, na Inglaterra e na Saxonia (1897 a 1903), e Lamprecht, na Alemanha, colheram vasto material, vindo reforçar as conclusões obtidas anteriormente.

SCHUYTEN — Á frente do laboratório de pedologia de Antuerpia, Schuyten, em 1901, reuniu desenhos de crianças entre 3 e 13 anos, 100 desenhos para cada

grupo de 6 meses. A primeira análise quantitativa e o primeiro estudo dos tipos foram realizados por Schuyten.

KERSCHENSTEINER — Kerschensteiner, em Munich, procedeu à vasta investigação entre os alunos daquela localidade, com o intuito de reformar o ensino de desenho nas escolas elementares. Pretendia apurar com essa primeira investigação como se desenvolvia espontâneamente a capacidade gráfica e quaes as fórmas de expressão das crianças entre 6 e 14 anos. A partir de 1904 varias pesquisas efectuou Kerschensteiner, chegando a obter elementos de valia para a caracterização dos diferentes aspectos do desenho infantil.

CLAPARÈDE E GUEX — Em 1906, Claparède e Guex conseguiram trabalhos desenhados por 3.000 crianças, 12.000 ao todo, por meio dos quais estabeleceram o desenvolvimento da aptidão para o desenho e a correlação existente entre a aptidão para êsse genero de expressão e para o trabalho em geral.

LAMPRECHT — A mais vasta pesquisa sobre o desenho infantil foi talvez a realizada em Leipzig (1904) sob a orientação de Karl Lamprecht. Coligiu êste psicologista desenhos feitos, com as mesmas instruções, por crianças alemãs, suizas, belgas, inglesas, suecas, rumenas, russas, japonêsas, americanas e africanas, e ainda por adultos de diferentes procedências. Com tão grande coleção de desenhos espontâneos e sugeridos, copias e ilustrações, pôde Lamprecht estabelecer os pontos de contacto entre o desenho infantil e o desenho dos primitivos. Para Lamprecht ficou evi-

denciado que o desenvolvimento do indivíduo reproduz uma maneira geral, tanto no aspecto físico como no psíquico, o desenvolvimento da raça.

WILLIAM STERN — Mais ou menos na mesma época, William Stern, em Breslau, dirigiu um inquerito sobre desenhos espontâneos de indivíduos entre 6 e 18 anos, alunos de escolas primárias, médias e superiores. Dessas pesquisas várias conclusões admitiu Stern, acerca das diferenças de sexo, representação do espaço e do tempo.

MAX VERWORN — Em 1906, Max Verworn procedeu na Prússia a várias investigações visando as relações entre a criança e o primitivo.

COMISSÃO DA UNIVERSIDADE DA CALIFORNIA — Professores da Escola Normal da Universidade da Califórnia empreenderam complexo inquerito sobre as primeiras manifestações gráficas. Entre varias questões salientam-se dêsse inquerito: como começa a criança a desenhar, se os desenhos são feitos com ou sem intenção determinada, qual a idade do desenho ao natural e do realismo visual, quais os caractéres de contorno, de direção, de fôrma e de côr.

GEORGES ROUMA — Dando nova orientação aos inqueritos procedidos anteriormente por varios psicólogos, Georges Rouma realizou uma obra de vulto — “Le Langage graphique de l'enfant” — obra que assenta em material colhido em grande massa de crianças. As fases da evolução do desenho e as suas características foram determinadas com admirável argúcia pelo antigo diretor da instrução publica da Bolívia.

G. H. LUQUET — Entre os estudiosos da psicologia da criança através do desenho, ocupa lugar de relevo G. H. Luquet. Introduzindo processos pessoais de investigação do desenho, Luquet trouxe uma contribuição de grande alcance para o conhecimento de pontos obscuros da mentalidade infantil. Os seus livros — “Les dessins d'un enfant” e “Le dessin enfantin” — são considerados fundamentais nesse domínio da psicologia.

Ainda mencionamos vários outros pesquisadores, como Sully, Passy, Perez, Ivanoff, Hamy, Baldwin, Luckens, Bechterew, Burt, Meuman, Thorndike. Muitos outros, durante a última década, têm elevado o desenho infantil à categoria de um verdadeiro método psicológico, tão notáveis são os resultados que por seu intermedio têm conseguido. Com o movimento da psicanálise, o desenho infantil tem sido utilizado como meio de pesquisa das raízes profundas do comportamento da criança. Do seu caracter espontâneo tem a psicanálise extraído toda sua importância: já hoje não se compreende o estudo da mentalidade infantil sem a interpretação psicanalítica dos desenhos.

CAPITULO III

Os métodos empregados no estudo do desenho infantil

O desenho como medida da aptidão e como instrumento de sondagem da mentalidade infantil. O método estatístico e o biográfico. Coleções e inqueritos; sua técnica. Resultados do estudo de desenhos colhidos em massa. A orientação biográfica seguida por Luquet e Rouma. Os dados estáticos e os dinâmicos.

Varios são os métodos empregados no estudo do desenho infantil, como meio de determinar não só a aptidão natural das crianças, isto é, a sua maior ou menor capacidade para o desenho, mas também como instrumento de sondagem do seu desenvolvimento mental através das idades. Mas apesar das muitas variantes, todos os métodos podem ser reduzidos a dois: o estatístico e o biográfico.

Sob o título de método estatístico podemos incluir, como o fez Tobie Jonckheere (1), as coleções e os inqueritos. Algumas pesquisas são feitas em coleções de desenhos de procedência de varios logares, sem que os interpretadores tenham assistido ao traçado dos rabiscos. Outras são feitas por meio de inqueritos. O experimentador elabora um certo questionário que é distribuído a um grande número de individuos, com instruções claramente estabelecidas. As apurações serão feitas, então, depois de recolhidas todas as fichas.

Quer se proceda a investigações em desenhos colhidos espontaneamente entre crianças de diferentes idades e sexos, quer sobre desenhos feitos sob ordem, o método estatístico procura determinar nas coleções a

(1) Tobie Jonckheere — *Pedagogie au jardin d'enfants*. Bruxelles, 1929.

freqüência das características mais notórias para cada idade. Podemos, por exemplo, empregando êste método, apurar em que momento os desenhos representando a figura humana evoluem para o perfil, a época em que ha maior incapacidade sintética, qual a noção de perspectiva, de proporção, nas diferentes idades, etc.

Autores de varios países realizaram, como vimos, estudos dessa natureza com pontos de vista bem distintos. Não só muitos aspectos ainda obscuros da psicologia normal e mórbida foram esclarecidos por meio do desenho, como também têm sido empregados os desenhos infantis de varios povos com o objetivo de determinar traços etnológicos comparativos. Entre os primeiros assinalaremos os trabalhos de Ricci, Sully, Schuyten e Lobsien. Com 4.000 desenhos de crianças entre 3 e 13 anos, Schuyten chegou a apurar a influência sob certos aspectos desfavoravel que o estagio escolar exerce sobre a mentalidade infantil durante muito tempo. Entre os segundos, salientamos os estudos de Lamprecht sobre a evolução do desenho na raça humana e os de Franke sobre o desenvolvimento mental das crianças negras (1).

Earl Barnes, Lena Partridge, Stern, Levinstein, Luckens, Kerschesteiner, Decroly e outros agiram diferentemente, não se limitando a colher desenhos puramente espontâneos. Impuzeram os assuntos. Pedi-

(1) Robert Gaupp — *Psicologia del niño*. Barcelona. 1927.
J. M. Baldwin — *El desenvolvimiento mental en el niño y en la raza*. Barcelona.

ram para desenhar de acordo com certas normas algumas ordens dadas da mesma maneira.

Barnes, Partridge, Stern e Levinstein fizeram numerosas crianças ilustrarem uma fabula — o que dava uma relativa liberdade á maneira de desenhar; Luckens deu a desenhar uma cena de incêndio; Ballard pediu que as crianças representassem objetos preferidos; Decroly estabeleceu verdadeiros testes determinadores da capacidade para o desenho. Esses testes estão sendo applicados em vários países. Em Portugal, Faria de Vasconcelos chegou a resultados apreciáveis, segundo êle proprio escreve no Boletim do Instituto de Orientação Profissional Maria Luiza Barbosa de Carvalho (Lisboa), ncs. 6 a 9, de março de 1930.

*
* * *

O método biográfico obedece a uma orientação completamente diversa. Em lugar de serem estudados os desenhos colhidos em massa, o pesquisador fixa-se sobre uma mesma criança, numa determinada ocasião da sua vida ou através do seu desenvolvimento.

As investigações de Bechterew, Truffat, Burt, Stern, Thorndike e Muth foram feitas por êste processo. Entre todos salienta-se pela minúcia de análise e pela clareza das conclusões, o trabalho de G. H. Luquet — “Les dessins d'un enfant”. Fazendo desenhar da maneira mais espontânea possível a uma sua filha, Simone, desde a mais tenra idade, pôde Luquet concluir aguda interpretação de muitos aspectos ainda misteriosos da atividada

de mental da criança. Além de ser uma exposição metódica de observações e conceitos bem ponderados, oferece o livro uma abundante documentação gráfica que evidentemente esclarece os assuntos.

Criticando os trabalhos de psicologistas como Ivanoff e Levinstein, Luquet diz que (1):

“As pesquisas dêste genero só podem fornecer dados *estáticos*; revelam-nos que tal objeto é representado de tal maneira, que o autor do desenho tem rigorosamente tal idade, e nada mais; faltam-nos informações *dinâmicas*, indicações sobre a evolução do desenho.” “Esta lacuna essencial não pode ser preenchida senão por monografias, que estudam, por assim dizer, dia a dia *todos* os desenhos de *uma mesma* criança” (2).

Sob certos aspectos, mais bem orientado era George Rouma, pois que além de assistir a feitura dos desenhos, anotava *escrupulosamente o seu comentário* — processo que torna mais inteligíveis muitos dos desenhos considerados como indecifráveis (3).

(1) G. H. Luquet — Op. cit. pag. 16.

(2) Compayré no prefácio à tradução francesa do livro de Sully diz que é com o auxílio de trabalhos dessa natureza, “sinceros e minuciosos, que se poderá constituir definitivamente a historia da alma da criança.”

(3) George Rouma — *Le langage graphique de l'enfant*. Paris.

Luquet e Rouma, empregando o método biográfico, de observação direta, deram grande passo para a interpretação do significado psicológico do desenho infantil. É realmente admirável o espírito de investigação desses pesquisadores (1).

(1) No volume XXI de 1931 do *The British Journal of Psychology*, C. A. Oakley em estudo intitulado "The interpretation of children's drawings", dá uma notícia minuciosa acerca do que se tem feito, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, pela elucidação do desenho infantil.

CAPITULO IV

A orientação dêste estudo

Por que preferimos o metodo estatistico; as suas vantagens. A espontaneidade do desenho infantil e a influencia escolar. A escolha dos motivos e a direção da mentalidade infantil. Como Decroly evita a influencia do aprendizado nos seus testes de desenho. A extensão da nossa pesquisa.

Não adotamos neste estudo o método biográfico, sem duvida o mais rigoroso, por permitir a observação direta dos movimentos da criança e do comentário que costuma fazer enquanto desenha.

No ponto de vista da intenção e da interpretação do desenho nenhum método poderá sobrepôr-se ao de Luquet e de Rouma. Por outro lado, deixando-se à criança inteira liberdade, para que o desenho seja inteiramente espontâneo, resulta que o método biográfico é moroso e de difícil aplicação. Mas o que grandemente prejudica êste método é a impossibilidade de apuração da freqüência de certas características em um determinado grupo de individuos, sob as mesmas condições de idade, de sexo, de meio, de escolaridade, etc.

Sendo o método biográfico restrito a um só individuo a generalização se tornará um arrojo a que de certo ninguem se exporá. Debaixo dêste ponto de vista o método estatístico tem maior vantagem (1).

Diz-se que a imposição dos motivos a desenhar quebra a espontaneidade do trabalho e que, mesmo quando se deixa inteira liberdade de escolha dos assuntos ás crianças, a espontaneidade é prejudicada

(1) G. H. Luquet — Op. cit.

por falta do desejo, da intenção de desenhar (1). Mas esse prejuízo é pequeno em face da falta de conhecimento do comentário, das explicações feitas pelos desenhadores, quando se emprega o método das coleções. Todavia fechámos os olhos a tudo isso e preferimos, pelo numero, o método estatístico, corrigindo o mais possível os seus defeitos. O que procuravamos obter eram médias de frequência.

Sempre que houve oportunidade anotámos o comentario feito pelos desenhadores de 3, 4 e 5 anos, época em que as garatujas são quase incompreensíveis e conseguimos dar uma certa naturalidade à atividade grafica das crianças, fazendo-as sair, tanto quanto possível, da esfera da influência escolar.

*

* *

Com as aulas de desenho ha alguns anos instituidas nas escolas primárias e especialmente com a nova orientação manualista dos métodos ativos, muito tem perdido o desenho infantil de sua espontaneidade e simplicidade primitivas, á medida que se torna mais exato, mais objetivo e mais realista.

No curso das lições, os mestres vão sugerindo os motivos a desenhar, em geral relacionados com as noções aprendidas, corrigindo os defeitos, preenchendo as lacunas, aperfeiçoando, fazendo repetir as tentativas frustradas. Tudo isto acabará por fixar certas tendências para motivos familiares e consequentemente

(1) G. H. Luquet — *Le Dessin enfantin* — Paris. 1927.

te a representação gráfica aprendida por influência escolar sendo exata quanto à realidade perceptiva, distancia-se quantitativamente e qualitativamente das características mentais da criança. As noções de profundidade, de síntese, etc. lentamente adquiridas por influência escolar, muito concorrem para o desvirtuamento do estado de "purêza" da mentalidade infantil.

O desenho seria naturalmente o instrumento mais seguro e mais fácil para a revelação desse estado a que chamamos de "purêza" afim de indicar a ausência de planos interiores na criança de tenra idade e a sua pobreza em relação aos julgamentos de valor.

Assim, os desenhos de feição realista que a escola ensina á criança, em lugar de constituir um teste de características mentais, é antes uma prova pela qual se poderá avaliar quanto aprendeu o escolar durante tal tempo de estágio.

Não poríamos em relêvo a má influência da escola sobre o desenho considerado como processo de investigação psicológica, se não tivéssemos experiência disto. Ha uma diferença sensível entre os desenhos de crianças extra-escolares e escolares, no que se refere a escolha dos assuntos a desenhar e ao conteúdo mesmo das imagens mentais.

Entre os desenhos que colhemos nas escolas do Recife, inúmeros representam objetos que são encontrados no ambiente escolar: globos geográficos, livros, quadros-negros, lapis, figuras planas, sólidos geométricos, etc. — o que mostra inegavelmente uma influência imediata do meio. Mas como dissemos, a influência não se manifesta apenas quanto à escolha dos

motivos: vae ao ponto de mudar o conteúdo e a direção da mentalidade infantil, fazendo que a criança passe a compreender de maneira visual a realidade exterior, a julgar os fatos e conseqüentemente a interpreta-los gráficamente através dessa nova compreensão das cousas.

Ainda assim, cremos que de todas as formas de expressão infantil é o desenho a que mais resiste à corrução dos fatores ambientes. Podemos mesmo notar no desenho do adulto, em qualquer idade, certas particularidades perfeitamente infantís que resistem à influência exterior e à marcha do desenvolvimento mental, exceção feita para os casos de manifesta aptidão para o desenho (1). Por isso é possível, apesar de tudo, apreender entre os escolares, os traços que distinguem cada periodo de desenvolvimento do desenho.

*

* *

Partindo de que a criança que freqüenta a escola sofre uma modificação sensível quanto à compreensão e à interpretação dos fatos, sobretudo daqueles que lhe são familiares, Decroly pretendendo apurar a aptidão para o desenho manda representar objetos e cenas que não são familiares: pessoas e cousas em posições pouco conhecidas e raramente desenhadas. A criança voltará, então, tanto quanto possível, à sua fase natural. O desenho mostrará melhor certas particu-

(1) G. H. Luquet — Op. cit.

laridades da fisionomia mental da criança. As falhas relativas à proporção, à direção, à capacidade sintética, etc. manifestar-se-ão mais claramente. Por isso a prova de Decroly, sugerindo aspectos não habituais de cenas e fatos conhecidos, poderá fornecer resultados apreciáveis — talvez melhores do que os colhidos com desenhos espontâneos, por isso que estes estão fortemente impregnados da influência escolar, enquanto que os da prova de Decroly escapam um tanto a essa influência, dada a nova situação em que os motivos são apresentados.

Neste estudo os testes de Decroly serão empregados como verificação do grau de aptidão para o desenho e como meio de pesquisa de algumas características mentais da criança. A maneira de Ballard, igualmente investigámos acerca do que as crianças costumam desenhar espontaneamente (1). Para isto, antes da prova, pedíamos o desenho de um objeto qualquer, sem sugestões de qualquer natureza.

*

* *

A experimentação que realizámos incidiu sobre 1.400 indivíduos entre 3 e 16 anos, em geral dos meios escolares (100 para cada idade, 50 para cada sexo).

Decroly e Faria de Vasconcelos fizeram a aplicação dos mesmos testes em crianças belgas e portuguesas, a começar dos 8 anos. Mas como a aptidão é uma

(1) Ballard — *What London children like to draw.*

disposição de caráter inato que depende fracamente da idade, fizemos a experimentação a partir de 3 anos. Além disso era preciso investigar certas particularidades do desenho desde a sua fase inicial, logo que a criança é apta a tomar o lapis e rabiscar.

	M	F	T
Grupo João Barbalho	117	197	314
Grupo Mauricio de Nassau	15	22	37
Grupo Manuel Borba	39	36	75
Escola de Aplicação	38	78	116
Escola Normal	—	23	23
Ginasio Pernambucano	158	14	172
Escola Pinto Junior	32	100	132
Colegio São José	—	52	52
Jardim da Infancia dos Pobrezinhos	17	9	26
Instituto Nossa Senhora do Carmo	5	4	9
Colegio Salesiano	25	—	25
Liceu Pernambucano	7	—	7
Grupo Maciel Pinheiro	27	1	28
Instituto 7 de Setembro	8	—	8
Grupo João Ribeiro	17	1	18
Instituto Carneiro Leão	11	—	11
Colegio Eucaristico	9	8	17
Escolas Isoladas	27	22	49
Ginasio do Recife	11	—	11
Extra-escolares	137	133	270
Total	700	700	1400

Quadro do numero de crianças por escola.

CAPITULO V

A prova de Decroly

Os testes de Decroly. O criterio de apuração dos resultados. As instruções necessarias á applicação da prova. Os desenhos indecisos e as garatujas. A sugestão do ambiente: os desenhos representando o Zeppelin.

Os testes de desenhos de Decroly consistem em fazer desenhar de memória certos aspéctos não habituais de objetos conhecidos geralmente em outras posições.

São os seguintes:

1.º Desenhar um homem que passa na calçada e visto da janela;

2.º Desenhar um balão que passa pelo alto;

3.º Desenhar uma rua vista de um aeroplano.

Ao apurar os resultados das provas que realizou com seus próprios testes, Decroly notou várias etapas na execução dêsses desenhos:

1.ª etapa — Desenho do aluno e do homem na rua, do aluno e do balão, do aluno e da rua;

2.ª etapa — Desenho do homem na calçada, sendo visto de perfil e de corpo inteiro; igualmente o balão e a rua;

3.ª etapa — Desenho de uma parte das pessoas e objetos, mas essas partes representadas em plano vertical;

4.ª etapa — Desenho que corresponde exatamente à questão, embora com defeitos nas proporções e em certos pormenores;

5.^a etapa — Desenho que é perfeito sob o ponto de vista da exatidão da representação mental.

Faria de Vasconcelos não encontrou nos 1.080 desenhos que analisou a 3.^a etapa (1). Na pesquisa que procedemos em 1.400 crianças (4.200 desenhos) quase não encontramos aquela etapa, isto é, o desenho de uma parte das pessoas e objetos em plano vertical. Naturalmente Decroly ao estabelecer essas etapas pela sua freqüência e grau de complexidade, encontrou aquele tipo de resposta; mas parece-nos que desenhar uma parte do homem (1.^o teste) que passa na rua e visto da janela, não corresponde a uma resposta lógica, pelo menos entre as crianças de Lisboa e do Recife. Antes revela incompreensão da ordem. Em relação ao 2.^o e 3.^o testes é quase inconcebível a representação. Entre nós, a freqüência da 3.^a etapa é mínima para o 1.^o teste e nula para os demais.

*

* *

A aplicação da prova foi feita coletivamente, tendo-se o cuidado de separar convenientemente as crianças. Distribuídas as folhas de papel e munido cada aluno de seu lapis, pedíamos que escrevessem o nome, a idade real com os meses, a escola e a classe que freqüentavam. Isto acabado, explicávamos o trabalho que tinham a fazer. Naturalmente alguns diziam não saber desenhar, não ter habilidade. Mas ficavam logo tran-

(1) Boletim do Instituto de Orientação Profissional Maria Luisa Barbosa de Carvalho, de Lisboa.

quilos quando os convenciamos de que não se tratava de fazer desenhos bonitos: o que queríamos era a representação, por meio de traços, de certos objetos e cenas. Era simplesmente uma questão de boa vontade.

Entre as crianças mais novas e naturalmente mais plásticas e mais dóceis o trabalho era relativamente fácil, mesmo porque, faltando-lhes capacidade crítica, depressa se satisfaziam com o desenho executado.

As mais velhas demoravam a feitura do trabalho; empregavam muito mais a borracha do que as de menos idade. Enquanto as mais novas traçavam logo do primeiro impulso e com energia os desenhos, as maiores faziam quase sempre traços leves à maneira de esboço, para depois avivarem os contornos, retocarem aqui e ali. Estas, aliás, protestavam sempre, achavam a execução difícil; nunca estavam satisfeitas com o resultado do esforço e pediam para não mostrarmos os desenhos a pessoa alguma. As crianças de mais tenra idade, aos 4, 5 e 6 anos, a princípio recusavam-se a desenhar, mostravam-se tímidas; depois, estimuladas pelas demais, acabavam por desenhar com desembaraço, pedindo por vezes mais papel.

As instruções dadas obedeceram à seguinte norma:

1.º Atenção! Suponha-se que cada um de vocês se acha debruçado à janela, olhando um homem que passa na rua. Desenhem isto!

As crianças sempre estavam prontas a pedir explicações: se deviam desenhar a janela, a pessoa que está debruçada, etc. Tornávamos, então, a explicar a cena sem, entretanto, sugerir orientação alguma. Os desenhos foram feitos com toda liberdade de execução.

Acabado o primeiro desenho, davamos a segunda ordem:

2.º Agora cada um de vocês se encontra no pátio vendo um balão que passa. Desenhem êsse balão visto debaixo!

Terminado este, passavamos ao ultimo:

3.º Imagine-se que cada um de vocês viaja num aeroplano e do alto vêem uma rua. Desenhem essa rua vista do alto!

Ordem de execução:

- 1 — Distribuir convenientemente os alunos nas carteiras;
- 2 — Distribuir papel e lapis;
- 3 — Ordenar que todos os alunos escrevam o nome, a idade real, a escola e a classe que freqüentam;
- 4 — Explicar-se o trabalho de maneira acessivel;
- 5 — Ordenar a feitura de um desenho inteiramente espontâneo;
- 6 — Ordenar os testes com a seqüência já indicada;
- 7 — Recolher os desenhos e colecioná-los por idade e sexo.

As provas foram colecionadas tendo-se em vista as idades e os sexos, sendo classificados 100 desenhos para cada idade, 1400 incluídos os espontâneos. Não foram aceitos desenhos de crianças estrangeiras.

*

* *

Isto posto, começámos o trabalho de apuração, de acordo com o critério de Decroly. Verificámos em todas as idades e nos dois sexos uma particularidade que não foi encontrada na pesquisa de Faria de Vasconcelos: muitos desenhos não podiam ser enquadrados em nenhuma das fases determinadas por Decroly. Por exemplo: entre os desenhos do 1.º teste encontrámos uns que representavam a casa e o homem ou a janela e o homem, a casa ou o menino sómente, ou ainda a janela e o menino.

Certamente esses desenhos não podiam ser classificados em quaisquer das etapas indicadas atrás. Constituem uma fase de *indecisão*, muitas vezes intermediária à primeira e à segunda.

Entre os desenhos do 2.º teste assinalámos alguns que representam simplesmente o menino, isto é, o observador sem a cousa observada (o balão). Entre os desenhos do 3.º teste notámos muitos representando o avião e a rua, ou sómente o avião.

*
* *
*

Igualmente entre as crianças mais novas, a nossa apuração levou muito em conta a intenção do desenhador. Aos 3, 4 e 5 anos, sobretudo, numerosos desenhos eram completamente ininteligíveis: nada significavam pela apreciação apenas da materialidade dos traços. Entretanto eram classificados pelo comentario escrito ao lado do desenho. Por exemplo: um rabisco com vaga tendência para o contôrno junto a outro seme-

lhante era classificado como sendo da primeira etapa uma vez que a intenção de desenhar o que corresponde à primeira etapa, isto é, o observador à janela e o homem na calçada, é evidente; e esta intenção vinha assinalada à margem — o que muito facilitou a tarefa por si tão trabalhosa, de apuração dos resultados.

*

* *

Não só assinalámos numerosos desenhos da fase que chamamos indecisa, como também outros cuja interpretação simplesmente visual era de todo impossível. Estes desenhos foram incluídos na categoria de *garatuja*. Não é que muitos dos classificados não merecessem a mesma denominação, porque na realidade nada representavam; mas destes conhecíamos a intenção, ao passo que a respeito daqueles faltava-nos o meio de interpretação. De sorte que neste sentido *garatuja* é apenas o desenho que não cabe em nenhuma das etapas estabelecidas por Decroly, graças à sua obscuridade e faltarem quaisquer apontamentos acerca da intenção do desenhador.

*

* *

Encontramos como respostas do 2.º e do 3.º testes desenhos do Zeppelin. Em lugar do balão e do aeroplano, desenhavam as crianças freqüentemente o dirigível alemão. E' este um fato perfeitamente explicável. A nossa pesquisa foi realizada logo após a chegada

Recife do Zeppelin e isto constituiu o acontecimento sensacional durante muitos dias.

A influência dos fatos do momento, quando de grande intensidade, é decisiva no espírito das multidões. As crianças não podiam fazer exceção a este principio de psicologia coletiva. São sobretudo as crianças as mais influenciadas.

Quem observar as ocupações preferidas pelas crianças numa determinada época, notará que muitas delas, — talvez a maioria — são a reprodução, sob a forma lúdica, de fatos que dominam o espírito do tempo.

Aqui a teoria da compensação pela ilusão, de Ed. Claparède, explica perfeitamente os brinquedos desta feição. São de G. Vermeylen as seguintes palavras a proposito da teoria de Claparède (1):

“Segundo Claparède, o brinquedo seria a manifestação da tendência de todo sêr em expandir sua personalidade e, no caso em que não pode fazê-lo na realidade, procura derivar para as ficções. Esta tendência que persiste de maneira ativa em certos adultos (poetas, escritores) é normal na criança e constitue uma verdadeira atividade mítica, uma mitomania fisiológica (Dupré) própria desta idade.”

O que se dá em relação à atividade lúdica da criança igualmente é justificavel para seus ideais, seus interesses e expressão gráfica de suas imagens.

(1) G. Vermeylen — *Psychologie de l'enfant et de l'adolescent*. Bruxelles. 1926.

Hélène Antipoff, procedendo a um inquerito sobre os ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte, obteve como resposta à questão — qual o trabalho preferido em casa? — uma grande percentagem daquelas que preferiam os serviços domésticos: lavar o assoalho, as vidraças, espanar os móveis, arrumar a casa, carregar água, ajudar os pais, etc. E' a sugestão do ambiente influenciando nas preferências infantís (1).

A nossa experiência quotidiana não nos fornece testemunho diferente. A proposito das sugestões do meio ambiente sobre o espirito maleável da criança ainda voltamos a fazer alguns comentarios quando tratarmos dos motivos preferidos no desenho infantil.

(1) Héleno Antipoff — Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte — Archives de Psychologie — Genève. Boletim n.º da Secretaria do Interior de Minas Gerais. 1930.